

GOVERNO

Mudança de estilo faz FHC mais incisivo

Mais determinado e enérgico, presidente abandona o jeito indeciso e surpreende aliados

CARMEN KOZAK

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso está inaugurando uma nova fase de seu mandato. Mais do que isto. Está consolidando um novo estilo de governar, com o qual pretende empossar o seu sucessor em 2003. Estilo este que tem sido motivo de comentário entre seus aliados. Determinado e enérgico são adjetivos que, nessas avaliações, deram lugar ao antigo e habitual indeciso. Sem deixar de ser afável e conciliador, o presidente negou-se no último mês a qualquer tipo de negociação. Enfrentou ameaças de rompimento e de rebelião na base.

Pagou para ver e, fechou a semana – marcada também pela ágil troca de comando no Ministério da Justiça – colecionando vitórias no Congresso. Desautorizou duas tentativas de acordo conduzidas por seus líderes e, mesmo assim, assistiu a aprovação do Orçamento e ao esvaziamento da briga contra o mínimo de R\$ 151. Tudo sem ceder um só milímetro.

Depois de cinco anos de mandato, Fernando Henrique mudou? Não, respondem os auxiliares e políticos que o conhecem há tempos. Explicam que sempre age assim, quando sabe que tem o comando da situação. Parece vacilar, ressaltam, quando, na verdade, apenas prepara o terreno para avançar. Agora, o presidente sente ter o total controle. Está calçado em pesquisas de opinião pública e projeções de vitalidade econômica.

Envaidecido, contam os interlocutores, o presidente repete esses dados à exaustão. Comemora a possibilidade orçamentária de ampliar substancialmente os investimentos nos dois últimos anos de seu governo, especialmente em 2002. Com isso, contam dirigentes do PSDB, Fernando Henrique pretende habilitar-se para ele-

ger o seu sucessor. “Assim como foi determinado na sua reeleição, o presidente não pensa em outra coisa senão eleger o seu sucessor”, garantem dois influentes interlocutores de Fernando Henrique no Congresso. Por isso, explicam, ele aceita assumir, hoje, o ônus da impopularidade.

“Não tenho medo de ser impopular agora, por defender um mínimo de R\$ 151”, enfatizou o presidente. “Mais de 70% da população consideram a estabilidade econômica e o controle da inflação mais importantes do que um mínimo que a ameace”, comentou Fernando Henrique, na quarta-feira, numa conversa com o líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG). Enquanto concluía a frase, Fernando Henrique colocou, com indisfarçável satisfação, um papel com outros dados da pesquisa à frente de Aécio. Entre eles, o aumento de 5% de sua popularidade, em plena discussão do mínimo. E mais, a maioria dos entrevistados entendia que o mínimo ideal é de R\$ 160 – R\$ 9 a mais do que o proposto pelo governo e R\$ 17 a menos do que o exigido pelo PFL de Antonio Carlos Magalhães (BA).

DEBATE
SOBRE MÍNIMO
MARCOU A
NOVA FASE

Os aliados do PMDB, do PFL, do PPB e do PTB estão cientes destes dados apresentados a eles pelo próprio Fernando Henrique. Concordam com as previsões de que, ainda es-

te ano, o presidente comemorará o crescimento econômico próximo de 5% e a diminuição do índice de desemprego. É por isso que o PFL tem conduzido com tanta cautela a briga pelo mínimo e o PMDB tem se empenhado para expurgar o antigo aliado preferencial do Planalto. “Não existe briga na base, o que há é disputa por espaço na base e na provável renovação da aliança”, comentou com o líder do PMDB, deputado Geddel Vieira Lima (BA), um dirigente do PSDB. “O PFL quer o espaço que é devido a quem está nesta aliança desde o primeiro momento”, disse o presidente nacional do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC) a um ministro do núcleo político.